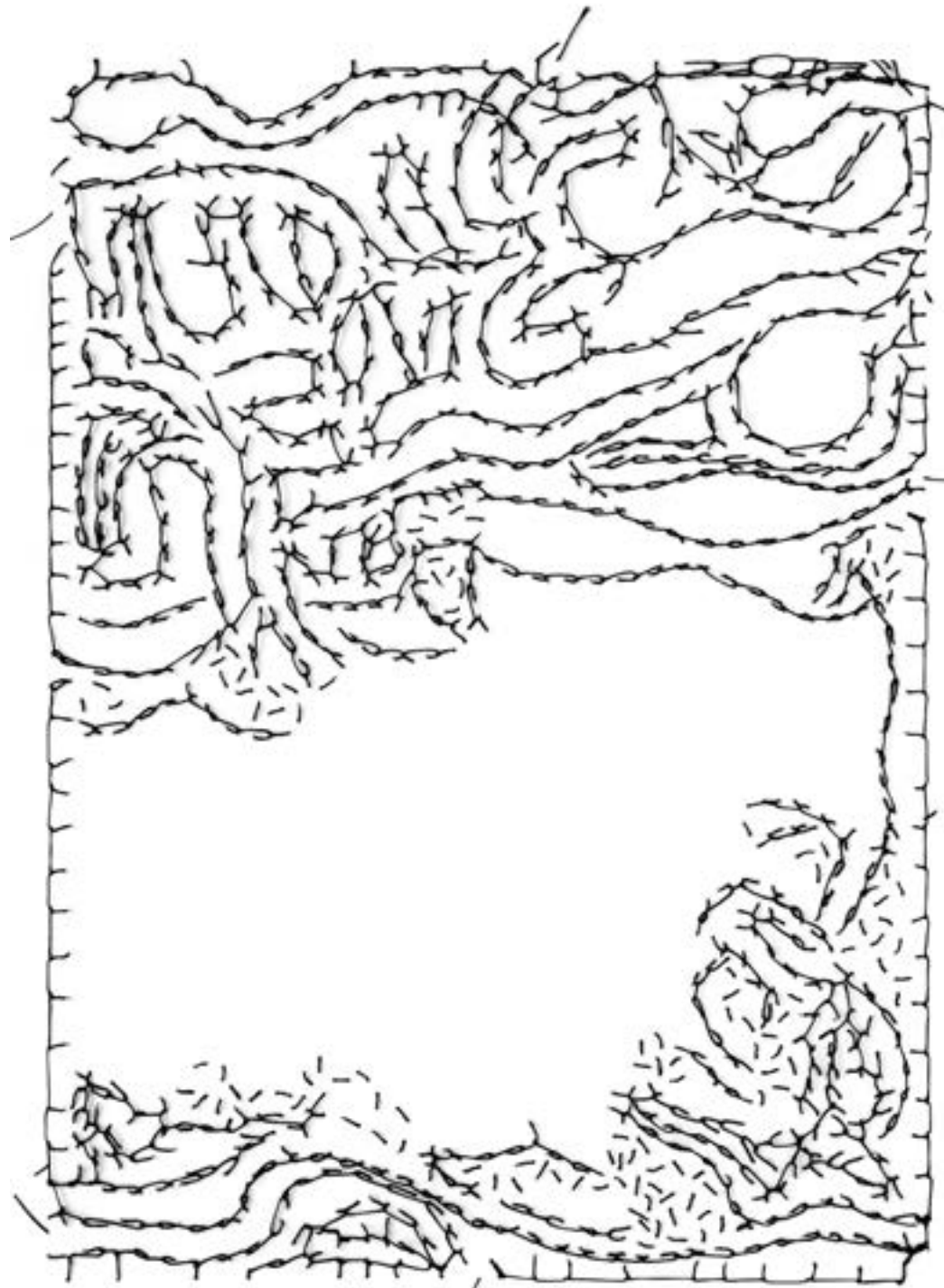
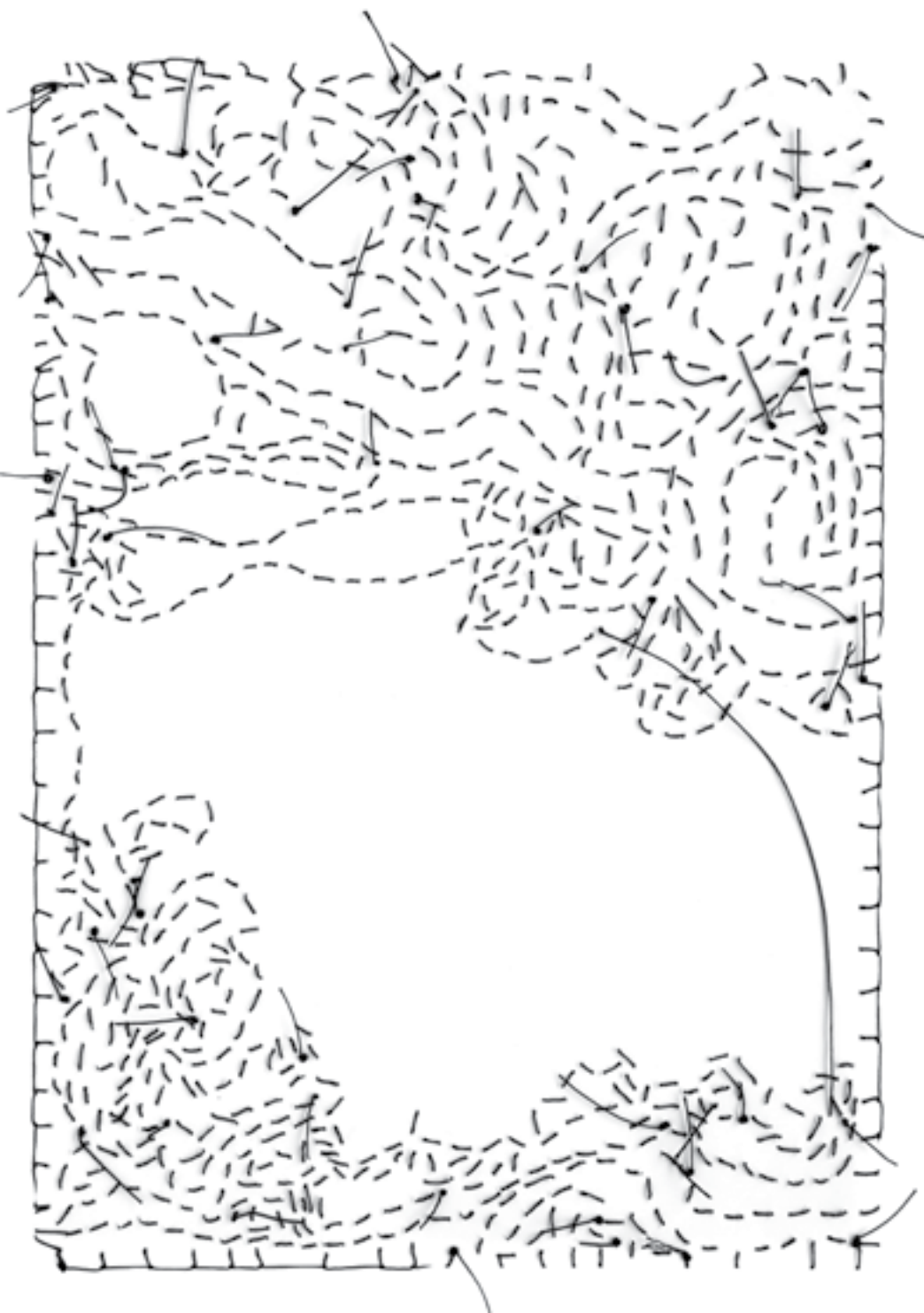


FRÉDÉRIC
GROS

CAMI
NHAR
UMA FILOSOFIA

TRADUÇÃO
CÉLIA EUVALDO





11
Caminhar não é
um esporte

13
Liberdades

20
Por que sou tão
bom caminhante
SOBRE NIETZSCHE

37
Fora

40
Lentidão

43
A fúria de fugir
SOBRE RIMBAUD

57
Solidões

62
Silêncios

66
Os sonhos diurnos
do caminhante
SOBRE ROUSSEAU

81
Eternidades

86
A conquista
do selvagem
SOBRE THOREAU

100
Energia

103
Peregrinação

114
Regeneração
e presença

121
A atitude cínica

130
Os estados
do bem-estar

137
A perambulação
melancólica
SOBRE NERVAL

142
O passeio cotidiano
SOBRE KANT

148
Passeios

156
Jardins públicos

161
O *flâneur* das cidades

167
Gravidade

171
Elementar

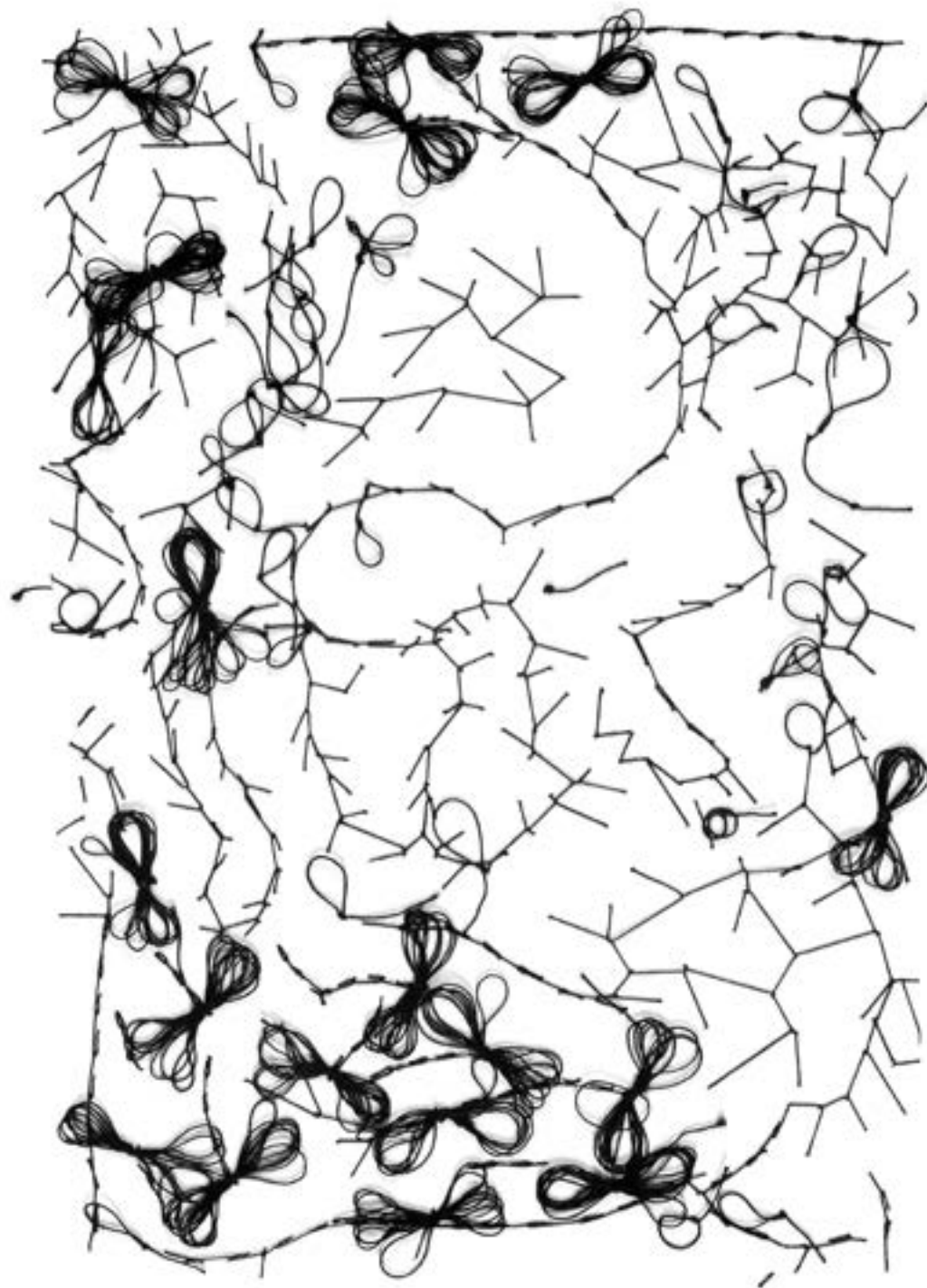
175
Mística e política
SOBRE GANDHI

188
Repetição

201
Agradecimento

205
Textos e referências

215
Sobre o autor



CAMINHAR NÃO É UM ESPORTE

Caminhar não é um esporte.

Esporte é uma questão de técnicas e de regras, de métricas e de competição; ele requer toda uma aprendizagem: conhecer as posições, incorporar os gestos corretos. Só depois, muito depois, é que vêm a improvisação e o talento.

O esporte é feito de pontuações: em que lugar você ficou? Em quanto tempo fez? Você atingiu sua meta? Sempre a mesma divisão entre vencedor e vencido, como na guerra – há um parentesco entre a guerra e o esporte que honra a guerra e desonra o esporte: do respeito ao adversário ao ódio pelo inimigo.

O esporte é também, evidentemente, cultivo da resistência, gosto pelo esforço, disciplina. Uma ética, um trabalho.

Mas é, igualmente, equipamento, revistas, espetáculos, um mercado. É desempenho. O esporte é pretexto para imensas cerimônias midiáticas a que afluem os consumidores de marcas e de imagens. O dinheiro o invade para esvaziar as almas, e a medicina, para construir corpos artificiais.

Caminhar não é um esporte. Pôr um pé na frente do outro é uma brincadeira infantil. Quando caminhantes se encontram,



não se fala de resultado, não se fala de números: um diz ao outro que caminho tomou, que trilha oferece a paisagem mais bonita, que vista se contempla de determinado promontório.

No entanto, tentou-se criar um novo mercado de acessórios: calçados revolucionários, meias incríveis, mochilas eficazes, calças extremamente funcionais... Há um esforço de introduzir na caminhada o espírito do esporte: não se caminha mais, “faz-se *trekking*”. Vendem-se bastões afilados que fazem os caminhantes parecerem esquiadores improváveis. Mas isso não leva longe. Não pode ir longe demais.

Caminhar: não se encontrou nada melhor para ir mais devagar. Para caminhar é preciso, antes de mais nada, duas pernas. Tudo o mais é supérfluo. Quer ir mais rápido? Então, não caminhe, faça outra coisa: vá de carro, patine, voe. Não caminhe. Além disso, quando se está caminhando, só um tipo de eficiência conta: a intensidade do céu, o esplendor das paisagens. Caminhar não é um esporte.

Mas, uma vez de pé, o homem não sabe ficar parado.

LIBERDADES

Antes de mais nada, há a liberdade *suspensiva* oferecida pela caminhada, mesmo que seja um simples passeio: livrar-se da carga das preocupações, esquecer por algum tempo os afazeres. Optamos por não levar o escritório conosco: saímos, flanamos, pensamos em outras coisas. Com as excursões de vários dias, acentua-se o movimento de desapego: escapamos das obrigações do trabalho, libertamo-nos do jugo dos hábitos. Mas em que aspecto caminhar nos faria sentir essa liberdade mais do que numa longa viagem? Pois, afinal, surgem outras limitações não menos penosas: o peso da mochila, a duração das etapas, a incerteza do tempo (ameaças de chuva ou de tempestade, calor sufocante), a rusticidade dos albergues, algumas dores... Mas só a caminhada consegue nos libertar das ilusões do indispensável. Como tal, ela permanece o reino de poderosas necessidades. Para chegar a determinada etapa, é preciso caminhar tantas horas, que correspondem a tantos passos; a improvisação é limitada, pois não estamos percorrendo aleias de jardim e não podemos nos enganar nos entroncamentos, sob pena de pagar um preço muito alto. Quando a neblina invade a montanha ou

uma chuva torrencial começa a cair, é preciso seguir, continuar. A comida e a água são objeto de cálculos precisos, em função do percurso e dos mananciais. Sem falar no desconforto. Ora, o milagre não é ficarmos felizes apesar disso, mas graças a isso. Quero dizer que não dispor de múltiplas opções quando se trata de comer ou de beber, estar submetido à grande fatalidade das condições climáticas, contar somente com a regularidade do próprio passo, tudo isso faz, de pronto, que a profusão da oferta (de mercadorias, de transportes, de conexões) e a multiplicação das facilidades (de comunicar, de comprar, de circular) nos pareçam outras tantas formas de dependência. Todas essas microlibertações não passam de acelerações do sistema, que me aprisiona com mais força. Tudo o que me liberta do tempo e do espaço *me afasta da velocidade*.

Para quem nunca teve essa experiência, a simples descrição do estado do caminhante já aparece como um absurdo, uma aberração, uma forma de servidão voluntária. Porque, espontaneamente, o cidadão interpreta como privação o que para o caminhante é uma libertação: não estar mais preso na teia das trocas, não estar mais reduzido a um nó da rede que redistribui informações, imagens e mercadorias; perceber que tudo isso tem apenas a realidade e a importância que lhe atribuo. Além de meu mundo não desmoronar por não estar conectado, essas conexões subitamente parecem laços opressores, sufocantes, apertados demais.

A liberdade, então, é um bocado de pão, um gole de água fresca, uma paisagem aberta.

Isso dito, desfrutando dessa liberdade suspensiva, feliz de partir, também fico feliz de voltar. É uma felicidade entre parênteses, a liberdade como uma escapada de um ou vários dias. À minha volta, nada mudou de fato. E as antigas inércias recuperam seu lugar: a velocidade, o esquecimento de si e dos

outros, a excitação e o cansaço. O chamado da simplicidade dura o tempo de uma caminhada: “O ar puro te fez bem”. Libertação pontual, e logo volto a submergir.

A segunda liberdade é agressiva, mais rebelde. Em nossa vida, a liberdade suspensiva não permite mais do que uma “desconexão” temporária: escapo da rede por alguns dias, experimento em trilhas desertas o que é estar fora do sistema. Mas pode-se também decidir por uma *ruptura*. O apelo à transgressão, ao “grande fora”, é facilmente encontrado nos escritos de Kerouac¹ ou de Snyder:² acabar com as convenções estúpidas, com a segurança letárgica de quatro paredes, com o tédio do Mesmo, com o desgaste da repetição, a covardia dos abastados e o ódio à mudança. É preciso provocar partidas, transgressões, alimentar, enfim, a loucura e o sonho. A decisão de caminhar (partir para longe, para algum lugar, tentar outra coisa) é compreendida, pois, como o chamado do selvagem (*The Wild*). Descobrimos na caminhada o imenso vigor das noites estreladas, das energias elementares, e nossos apetites se adéquam: eles são enormes, e nosso corpo é saciado. Quando fechamos a porta do mundo, nada mais nos retém: as calçadas não guiam mais os passos (o percurso, 100 mil vezes repetido, de voltar para a casa). Os entroncamentos oscilam como estrelas vacilantes, redescobrimos o aterrorizante medo de escolher, a liberdade vem como uma vertigem.

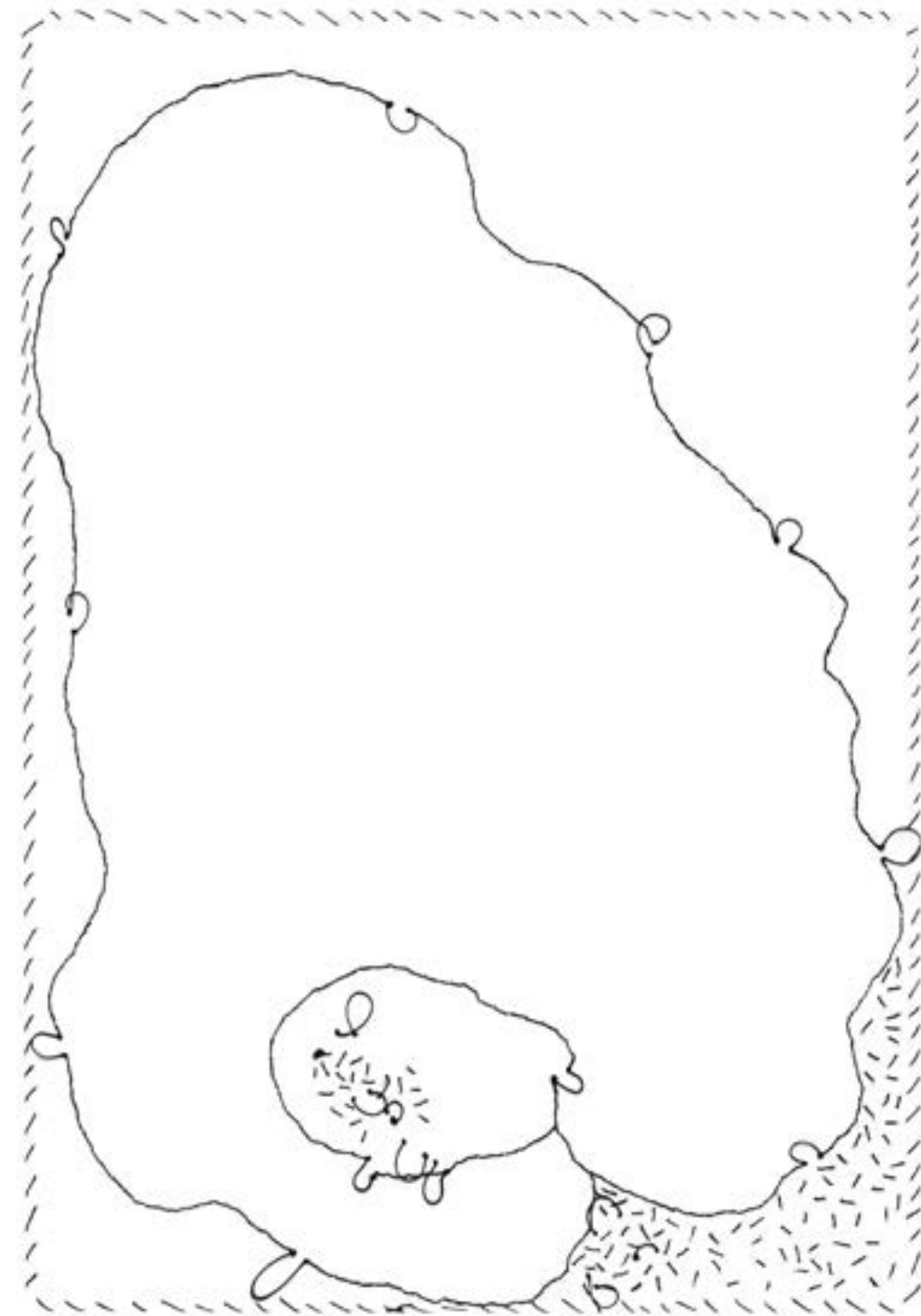
Dessa vez, não se trata de se libertar do artifício para experimentar alegrias simples, mas de conhecer a liberdade como

¹ Jack Kerouac, *Os vagabundos iluminados* [1958], trad. Ana Ban. Porto Alegre: L&PM, 2010.

² Gary Snyder, *A prática da natureza selvagem* [2010], trad. José Miguel Silva. Lisboa: Antígona, 2018.

SOBRE O AUTOR

Frédéric Gros nasceu em 1965 em Saint-Cyr-l'École, na França. Graduado pela École Normale Supérieure de Paris, defendeu em 1995 o doutorado em filosofia na Université Paris-Est Créteil (Paris XII), onde lecionou por mais de duas décadas. Estuda a filosofia francesa contemporânea e é um dos maiores especialistas na obra de Michel Foucault da atualidade. Desde 2013, é professor de teoria política no Institut d'Études Politiques de Paris (Sciences Po) e integra o centro de pesquisas políticas da mesma faculdade. Publicou, entre outros, os livros *Le Principe sécurité* (2012), *Possédées* (2016), organizou o quarto volume da série *História da sexualidade*, de Foucault: *Les Aveux de la chair* [As confissões da carne], publicado pela Gallimard em 2018. Em português, foram publicados *Foucault: A coragem da verdade* (Parábola, 2002), *Estados de violência: Ensaio sobre o fim da guerra* (Ideias e Letras, 2006) e *Desobedecer* (Ubu Editora, 2018).







Título original: *Marcher, une philosophie*

© First published by Carnets Nord Frédéric Gros, 2009. This edition is published by arrangement with Éditions Albin Michel, Paris

© Ubu Editora, 2021

IMAGENS © Ana Maria Maiolino. Série Indícios. Linha de costura sobre papel, 34,5 × 25,5 cm cada. Coleção Particular. Fotografia © Everton Ballardin e Romulo Fialdini.

[pp. 7–8] Fragmentos de frente e verso de obra sem título, 2002.

[pp. 11–12] Fragmentos de frente e verso de obra sem título, 2007. [pp. 19–20] Fragmentos de frente e verso de obra sem título, 2005. [pp. 39–40] Fragmentos de frente e verso de obra sem título, 2009. [pp. 45–46] Fragmentos de frente e verso de obra sem título, 2010. [pp. 51–52] Fragmentos de frente e verso de obra sem título, 2002.

EDIÇÃO DE TEXTO Bibiana Leme

PREPARAÇÃO Lucas Torrisi

REVISÃO Flávia Merighi Valenciano

TRATAMENTO DE IMAGEM Carlos Mesquita

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

G877c Gros, Frédéric

Caminhar, uma filosofia / Frédéric Gros; traduzido
por Célia Euvaldo / Título original: *Marcher,
une philosophie*. Imagens de Ana Maria Maiolino.
São Paulo: Ubu Editora, 2021. 272 pp.
ISBN 978 65 86497 80 9

1. Filosofia. 2. Natureza. 3. Caminhadas. I. Euvaldo, Célia.
II. Título.

2021-4384

CDD 100 CDU 1

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100 2. Filosofia 1

*Cet ouvrage a bénéficié du soutien du
Programme d'aide à la publication de
l'Institut français.*

Este livro contou com o apoio à
publicação do Institut Français.


AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL
*Liberté
Égalité
Fraternité*

INSTITUT
FRANÇAIS

EQUIPE UBU

DIREÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

COORDENAÇÃO GERAL Isabela Sanches

DIREÇÃO DE ARTE E DESIGN Elaine Ramos,
Lívia Takemura (assistente)

EDITORIAL Bibiana Leme, Gabriela Naigeborin,
Júlia Knaipp (assistentes)

COMERCIAL Luciana Mazolini, Anna Fournier (assistente)

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU Maria Chiaretti,
Walmir Lacerda (assistente)

GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

DESIGN DE COMUNICAÇÃO Júlia França

ATENDIMENTO Laís Matias, Micaely da Silva

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

UBU EDITORA



Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora